



Cira Arqueologia

N.º 4 DEZ'15



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



www.museumunicipalvfxira.pt

Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira





Cira Arqueologia

N.º **4** DEZ'15



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



**MUSEU
MUNICIPAL** www.museumunicipalvfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

António M. Monge Soares, Carlos Fabião, Eurico Sepúlveda,
Gonçalo Costa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira,
Maria de Fátima Araújo, Marisol Ferreira, Marta Santos, Pedro Valério,
Tânia Casimiro, Teresa Rita, Vincenzo Soria

REVISÃO

João Pimenta, Patrícia Ramos

CAPA

Pormenor da marca impressa (tríscele) proveniente de Chões de Alpompe. Fotografia de João Almeida

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

Dezembro de 2015

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

Texto de apresentação Revista Cira Arqueologia n.º 4

O Município de Vila Franca de Xira, tem vindo, nos últimos anos a efetuar uma forte aposta na atividade e investigação arqueológica. Fruto desse labor, o ano de 2015, ficou marcado por momentos assaz relevantes para o Museu Municipal e para a afirmação da arqueologia enquanto disciplina estruturante no conhecimento da ocupação do nosso território.

A 23 de Março, com a inauguração da Exposição internacional “Lusitania Romana. Origen de dos pueblos / Lusitânia Romana. Origen de dois Povos” no Museu Nacional de Arte Romana de Espanha - Mérida, assinalou-se a cedência temporária de uma das peças mais emblemáticas do acervo do Museu Municipal, o escudo romano de Monte dos Castelinhos.

A 6 de Maio, teve lugar a apresentação pública, da Revista *CIRA Arqueologia* n.º 3. Neste volume com mais de 400 páginas, coordenado pelo Professor Carlos Fabião e pelo Arqueólogo do Museu Municipal, João Pimenta, materializam-se os resultados do Congresso Internacional de Arqueologia, “Conquista e Romanização do Vale do Tejo”, realizado em Vila Franca de Xira em 2013.

A 16 de Maio, inaugurámos, no Núcleo Museológico do Mártir Santo, a Exposição monográfica, “O Sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos. Em busca de *Ierabriga*”. Esta mostra constituiu pretexto para darmos a conhecer o ponto de situação dos estudos sobre a presença romana no baixo-Tejo, sublinhando a centralidade do território de Vila Franca de Xira no quadro da Península Ibérica.

Não é de mais sublinhar que, a par da Exposição, o Museu Municipal apresentou um Catálogo com 200 páginas, em que é aprofundado o conhecimento sobre este sítio e sobre o território que o rodeia. De território desconhecido no âmbito do estudo do mundo romano, Monte dos Castelinhos assume-se hoje como um sítio incontornável para o estudo da romanização no ocidente da Península Ibérica.

A 19 de Maio realizámos uma visita, em colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, à Exposição “Lusitânia Romana: Origen de dois Povos”, no Museu Nacional de Arte Romana, em Mérida. Esta iniciativa permitiu levar públicos de Vila Franca de Xira a uma relevante exposição internacional, assumindo o município o seu papel de agente cultural.

A 26 de Setembro, abrimos as portas do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Este novo equipamento cultural do Município emerge na sequência da dinâmica da atividade arqueológica e da sua subsequente divulgação pela comunidade. Na sua génese, este Centro, tem como objetivos programáticos, o estudo, investigação e promoção, dos mais antigos vestígios da ocupação humana no vale do Tejo. O CEAX, enquanto espaço científico e cultural, reúne assim as condições para o desenvolvimento de um conjunto de atividades no domínio da investigação e divulgação do património arqueológico. Nas suas instalações funcionam, além dos gabinetes de trabalho destinados a acolher investigadores, uma ampla área expositiva, o serviço educativo, assim como as reservas municipais das Coleções de Arqueologia.

Sobre este último ponto, ressalve-se que resulta da necessidade de criação de um novo espaço de área de reserva, planeado em moldes modernos e destinado a acolher a heterogeneidade de espólios e registos. As novas instalações permitem agora concentrar aquilo que se encontrava disperso e a, partir deste momento, receber outras coleções e tornar visitável (mediante marcação, e devidamente enquadrada pelos técnicos) a área de “bastidores” do Museu Municipal.

Desde o primeiro desenho deste novo projeto, foi acautelada a existência de um serviço educativo específico, destinado à educação patrimonial na área da arqueologia. Nasceu assim o “Ateliê de Arqueologia experimental”, que simula uma escavação arqueológica, introduzindo conceitos, metodologias e práticas da atividade arqueológica. Ainda que pensado para o público escolar do território onde este Centro se insere, encontra-se porém aberto a todos os interessados.

A área expositiva, que se pretende temporária, abriu com a mostra “Arqueologia em Vila Franca de Xira. O desvelar de um património milenar”, que dá a conhecer algumas das escavações e estudos mais relevantes ocorridas no concelho nos últimos anos.

Culminando um ano pleno de atividade, apresentamos hoje o mais recente volume da Revista *CIRA Arqueologia*. Trata-se do quarto volume de uma Revista que se tem vindo a afirmar na sua área de especialidade, e que pretendemos que mantenha a sua periodicidade, apostando no princípio de que, o conhecimento sobre o passado do nosso território constitui papel estruturante da nossa filosofia de atuação.

O VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

FERNANDO PAULO FERREIRA

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 65
2600-263 Vila Franca de Xira
Tel. 263 280 350

museumunicipal@cm-vfxira.pt
sede@museumunicipalvfxira.org
www.museumunicipalvfxira.org
www.cm-vfxira.pt



Figura 1 e 2
Apresentação pública
da Revista CIRA
Arqueologia N.º 3, a 6
de Maio de 2015.



Figura 3
Inauguração
da Exposição
internacional
"Lusitania Romana.
Origen de dos pueblos
/ Lusitânia Romana.
Origen de dois Povos"
no Museu Nacional
de Arte Romana de
Espanha - Mérida, a 23
de Março de 2015.



Figura 4
O Secretário de estado da Cultura de Portugal, Jorge Barreto Xavier, assiste à explicação por parte do Diretor do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, José Maria Alvarez, em torno do escudo romano de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira.



Figura 5 e 6
Inauguração da Exposição "O sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos" no Núcleo Museológico do Mártir Santo em Vila Franca de Xira, a 16 de Maio de 2015.



Figura 7, 8 e 9
Inauguração do
Centro de Estudos
Arqueológicos de
Vila Franca de Xira –
CEAX e da Exposição –
“Arqueologia em
Vila Franca de Xira.
O desvelar de um
património milenar”,
a 26 de Setembro
de 2015.



Figura 10 a 13
Visita, em colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, à Exposição “Lusitânia Romana: Origem de dois Povos”, no Museu Nacional de Arte Romana, em Mérida., a 19 de Maio de 2015.



Figura 14, 15 e 16
Campo Arqueológico
Monte dos Castelinhos
2015.



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



MUSEU
MUNICIPAL www.museumunicipalvfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

➤ Um conúbio de sabedoria técnica e novas modas conviviais: as taças em pasta cinzenta imitante TSI de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira)¹

VINCENZO SORIA DOUTORANDO DA UNIARQ, UNIVERSIDADE DE LISBOA

RESUMO

No presente estudo tratar-se-á dum notável conjunto de taças em pasta cinzenta imitante *Terra Sigillata* itálica e proveniente das escavações dos anos 2008-2013 do sítio de Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira – Portugal). A colocação estratigráfica do conjunto permite a sua inserção num horizonte cronológico de inícios do séc. I d.C. (fase 4), período pouco conhecido em termos urbanísticos mas que atualmente está comprovado pelo espólio artefactual exumado.

O conceito de “imitação” com o qual se interpretam estes artefactos é particularmente apto a sugerir uma explicação da lógica produtiva e de consumo que causaram a aparição desta classe de artefactos não somente em termos cronológicos mas também do ponto de vista do processo de adaptação de hábitos conviviais das comunidades em relação à mudança dos tempos e das “modas”.

SUMMARY

The main goal of the present study is the analysis of a group of grey clay bowls imitating Italic *Terra Sigillata* and coming from the 2008-2013 excavation seasons in the site of Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira – Portugal). The chronology attributed to these materials (early 1st century CE) is based on the recognition of a particular phase of the site (phase 4), currently under study.

The concept of “imitation” is particularly suitable and flexible to shed light on the productive and consumer logics at the heart of the spread of these materials in Monte dos Castelinhos as well as in other Portuguese sites. Their occurrence could be due to the change in the daily consumption of the local community at the turn of the current Era.

1. A problemática

Graças às intervenções arqueológicas levadas a cabo no sítio de Monte dos Castelinhos nos anos 2008-2013, foi possível exumar um notável conjunto de manufatos cerâmicos, claros testemunhos da vivência quotidiana da comunidade aqui instalada. Nesta sede analisar-se-á uma parte deste conjunto artefactual considerando um lote de taças que pelas próprias características técnicas e morfológicas são particularmente interessantes para a investigação dos hábitos conviviais desta comunidade. Tratando-se de produções que em termos tipológicos se situam entre as duas grandes categorias cerâmicas, as de verniz negro e as de

¹ Este trabalho é devedor do incansável apoio e da ilimitada boa disposição dos Drs. João Pimenta e Henrique Mendes. Para a realização deste trabalho gostaria de agradecer à Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT pelo suporte financeiro através de uma Bolsa de Doutoramento (SFRH/BD/87209/2012).

verniz vermelho itálico, que tanto marcaram o território português quer em termos sociais quer em termos de dinâmicas de aquisição, não resulta fácil estabelecer uma sequência diacrónica de utilização linear destes produtos. Embora este seja um dos aspetos em que a análise ceramológica tem que se debruçar, a natureza do conjunto transcende estas considerações situando-se no campo do constante processo de adaptação de hábitos conviviais em relação à mudança dos tempos.

2. Apontamentos terminológicos

As formas alvo deste estudo puseram problemas de denominação, sendo formas que encaixam quer no repertório da cerâmica de verniz negro itálico (Lamboglia 1952; Morel 1981) quer no da *terra sigillata* itálica (TSI; Conspectus 2000). Optou-se para manter as duas designações² sem avançar novas propostas sendo o estudo destes produtos ainda preliminar em termos de reconhecimento de lugares de fabrico, não obstante a sua dispersão está a ser cada vez mais frequente (Soria 2014). Uma outra razão para esta preferência é o facto de entender estes artefactos como o resultado de competências oleiras e de escolhas de consumidores resultantes de décadas de utilização de determinados repertórios cerâmicos como os de verniz negro juntos com novas e massivas influências vindas sempre da Península itálica como é o caso da *terra sigillata* itálica.

Como sublinham alguns autores (Fernández Ochoa *et al.* 2014: 60, nota 13) as “*propuestas de concordancia tienen repercusión en el horizonte cronológico de inicio de las imitaciones*”. Se por um lado este *caveat* alerta sobre as implicações do termo “imitação”, do outro lado será preciso valorar a unicidade e as peculiaridades de cada contexto face à mera aplicação de critérios cronológicos ou funcionais estabelecidos em outros lugares.

Nos próximos parágrafos será apresentado o conjunto do ponto de vista composicional, morfológico e funcional sem nenhuma pretensa de exaustividade nem propósitos de limitação de eventuais incorporações futuras de outras formas e diferentes funcionalidades que apresentem similares características composicionais.

É preciso destacar que os fundos não foram diretamente relacionados com os bordos por falta de paralelos íntegros e por esta razão se preferiu manter uma diferente determinação morfológica.

3. Os fabricos em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos

Através da análise das diferenças composicionais das pastas, foi possível identificar dois grupos no âmbito das produções em pasta cinzenta encontradas em Monte dos Castelinhos (Pimenta *et al.* 2014). A presença de revestimento não foi portanto uma das variáveis que contribuiu ao reconhecimento dos grupos porque a maioria das peças só apresentavam pequenos vestígios, devido provavelmente a fenómenos de carácter tafonómico. Segue-se a descrição detalhada dos elementos caracterizadores dos dois grupos reconhecidos:

Grupo 1= Pasta: M. 2.5Y 7/1 (light gray)³. Calcária, pulverulenta, muito depurada com altas percentagens de presença de mica e inclusões orgânicas de médias e grandes dimensões. Revestimento: quase totalmente ausente com vestígios de engobe cinzento fosco pouco aderente ao corpo cerâmico.

2 No caso da cerâmica de tipo Peñaflo, Bustamante e Huguet (2008, 300) decidiram aplicar a denominação das tipologias dos protótipos de referência embora tivessem a disposição alguns estudos monográficos como o de Martínez F. que todavia é utilizado por Ruiz P. (2012, 41). Este autor afirma a “*inconveniencia de aplicar la ordenación tipológica de las especies originales a unas imitaciones que no siempre son una réplica fiel del referente*” (*apud* Fernández *et al.* 2014, 67-68).

3 Para a identificação das cores das pastas utilizou-se a tabela das cores de Munsell (2000).



GRUPO 1



GRUPO 2

Figura 1
Fotografia dos dois grupos de fabrico identificados.

Grupo 2= Pasta: M. 10YR 5/2-4/2 (grayish brown). Calcária, presença de inclusões de pequenas e médias dimensões brancas; baixas percentagens de mica; presença de inclusões orgânicas reconhecidas pela presença de vacúolos. Revestimento: engobe fosco bem aderente.

Não obstante esta subdivisão, considerar-se-ão os dois grupos em conjunto devido às características técnicas similares (cozedura e resfriamento redutores), à espera de futuras análises miradas a comprovar as diferenças composicionais identificadas macroscopicamente.

4. Caracterização morfo-funcional do conjunto

O conjunto em exame compreende 45 fragmentos. Contudo, nesta amostragem pretende-se analisar mais aprofundadamente os fragmentos de bordos (16) por proporcionar mais confiança na hora do reconhecimento formal e das considerações que daqui derivem acerca da presença destes artefactos em Monte dos Castelinhos. A nível funcional, avançar-se-á a proposta de estarmos perante um conjunto de “**taças**” provavelmente dirigido ao consumo de alimentos líquidos ou semilíquidos apesar de estar cientes do facto de poderem ter sido utilizadas com outras finalidades (por exemplo, como mero contentor de frutos frescos ou secos, etc...). As formas reconhecidas apresentam manifestas semelhanças com as taças em TSI **Consp. 8-13-14** ou com as produções em verniz negro sicilianas, conhecidas como “campaniense C”, **L. 19 (F1162a1-F1252b1)**.

A restante parte do conjunto é constituído por fundos, alguns dos quais (7) foram comparados aos pratos em TSI **Consp.B.1.6/L.7**, tendo considerado a morfologia e o diâmetro como os elementos discriminantes para esta proposta terminológica. Os outros fundos (22) não receberam nenhuma atribuição formal e funcional em concreto.

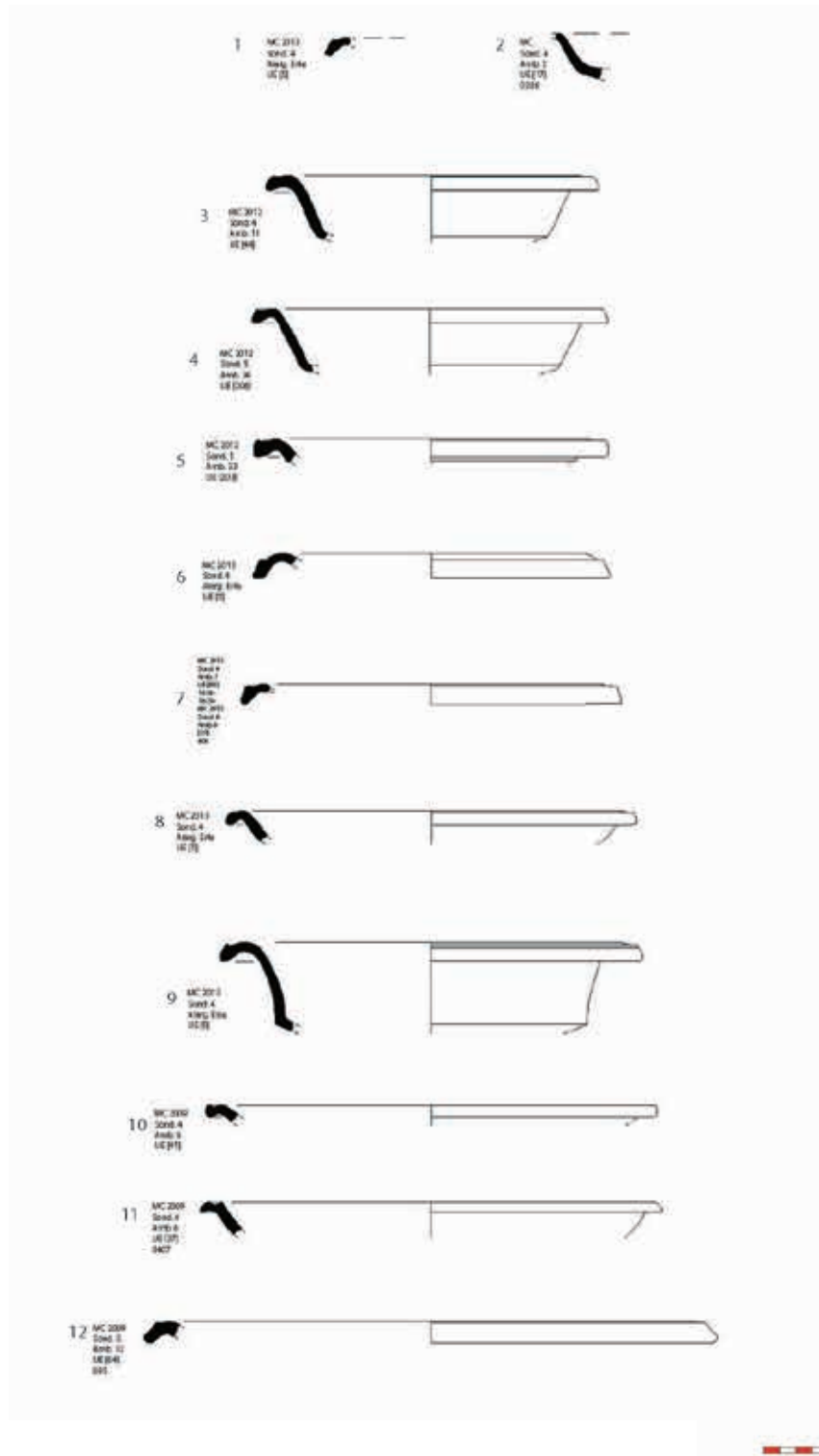


Figura 2
Bordos de taças
Consp. 8-13-14/L.19
(F1162a1 1252b1).

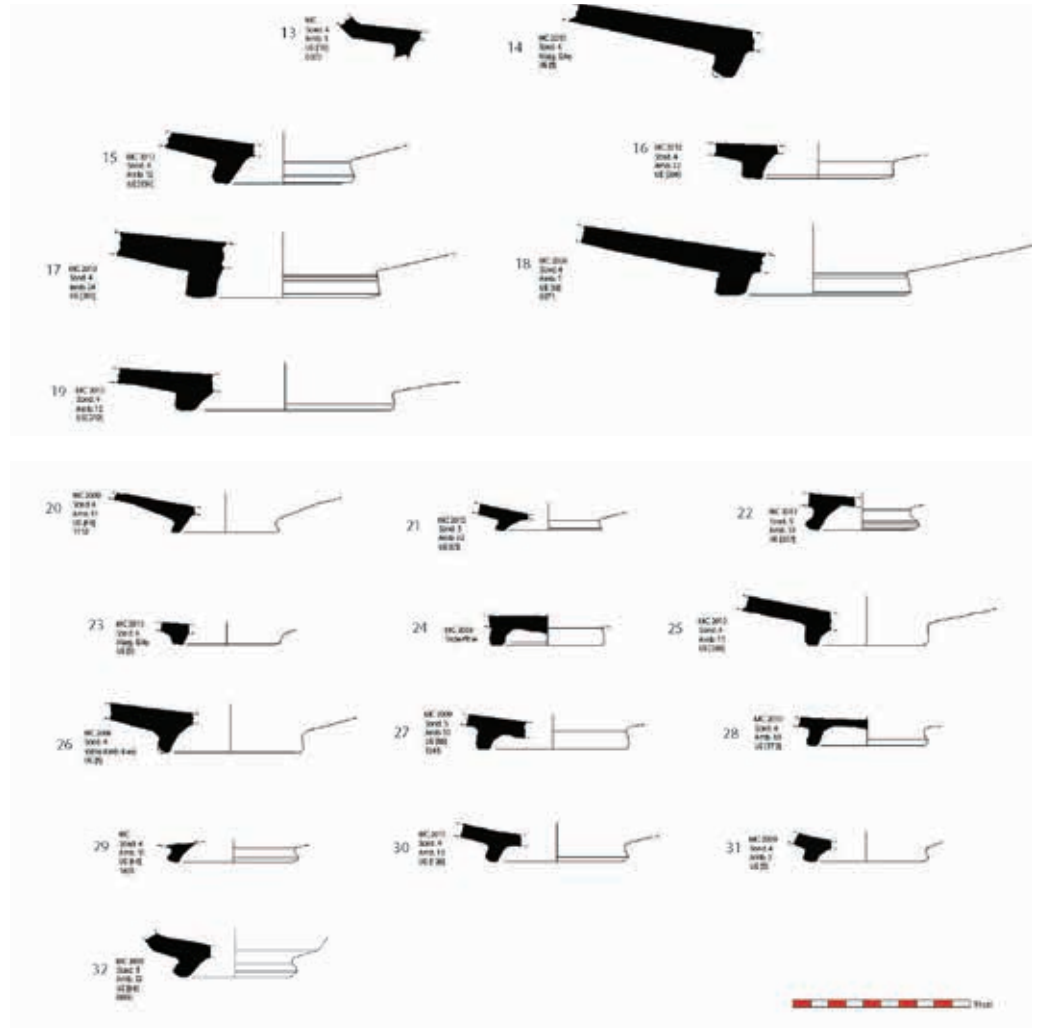


Figura 3 Fundos de pratos Consp.B.1.6/ L. 7 (n.ºs 13-19); fundos indeterminados (n.ºs 20-32).

4.1. Diâmetro de bordos e fundos das imitações

Estas taças são caracterizadas por apresentar um bordo pendente e vertical, bem pronunciado, com carena muito baixa.

Foi possível constatar que as taças Consp. 8-13-14/L.19 (F1162a1 1252b1) se mantêm constantes entre os 14 e os 20 cm, com um único exemplar que alcança os 25 cm⁴.

Os fundos dos pratos Consp.B.1.6/L. 7 e aqueles genericamente definidos como “fundos” parecem manter dois diferentes padrões que se encontram na medida de 8 cm sugerindo a eventual presença de dois diferentes formatos.

		DIÂMETRO (CM)																		
Frag.	Forma	5	5,5	6	6,5	7	7,5	8	8,5	10	11	12	14	15	16	16,5	18	20	25	Total
Bordo	Consp. 8-13-14/L.19 (F1162a1 1252b1)												1	2	1	1	2	2	1	10
Fundo	Consp.B.1.6/L. 7							1	1	1	2	1								6
	Ind.	1	1	6	3	2	1	3	2											19
Total		1	1	6	3	2	1	4	3	1	2	1	1	2	1	1	2	2	1	35

Figura 4 Tabela com diâmetros.

4 Dado o seu tamanho, este exemplar podia também ser enquadrado na classe funcional de prato.

4.2. Diâmetro de bordos e fundos dos protótipos

Por quanto concerne as dimensões das taças em TSI Consp.13-14, estes rondam os 15 cm, com séries mais pequenas de 10-12 cm. Contudo, as formas F1162a1 e F1252b1 (Morel 1981), cronologicamente mais antigas, alcançam no primeiro caso os 12 cm e no segundo caso os 18 cm. Resumindo, se por um lado o conjunto de taças aqui analisado mostra uma correspondência em termos de dimensões com o respetivo em TSI, o mesmo não se pode dizer para com os respetivos em verniz negro.

As taças em TSI Consp.8 rondam os 15-16 cm, dimensões consideravelmente menores com respeito aos artefactos em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos.

Os fundos em TSI Consp.B.1.6, os quais estão geralmente associados aos pratos de forma Consp.1, 3.1, 4.1-5, 11-12, 18-19, têm uma média de 10-12 cm, embora apresentem também módulos de tamanho maior.

5. Análise estratigráfica e cronológica do conjunto

As imitações em pasta cinzenta de TSI são alguns dos materiais caracterizantes da fase 4 da ocupação de Monte dos Castelinhos (Pimenta-Mendes 2015b:109-110). Esta corresponde a um período de utilização do núcleo habitacional após o abandono/destruição das estruturas da fase 2, com presença de ações relacionadas com espoliação de estruturas anteriores e a formação de estruturas negativas (Idem). Embora ainda não seja clara a extensão física e seja necessário calibrar o seu arco cronológico, a dispersão de materiais típicos do séc. I d.C., entre as quais TSI e TSSG, deixa justamente supor numa continuação de utilização do espaço durante os primeiros séculos depois da viragem da Era. A este respeito, foi possível identificar uma fase de reutilização em período alto imperial dum compartimento (**ambiente 33** do sector 5), cujo espólio material compreende TSI e suas imitações em pasta cinzenta, assim como ânforas Haltern 70 e Ovóides 6 do Guadalquivir. Outro contexto relacionável com a fase 4 são as UEs [16, 18, 19] no **ambiente 1** que correspondem a um nível de abandono brusco ou destruição (Pimenta-Mendes 2015a: 32). No **ambiente 5** reconheceu-se uma estrutura negativa, UE [62], que corta o pavimento UE [6] e a parede UE [26]. O seu enchimento, UE [61], permite datar o abandono do compartimento a partir dos inícios do séc. I d.C., dada a presença de TSI. No **ambiente 7**, tal como acontece no **ambiente 18**, detetou-se um nível, UE [39], resultante aparentemente de uma vala de roubo de pedras cujos materiais mais significativos se resumem à presença de verniz negro itálico e TSI. O **ambiente 12**, tal como acontece no **ambiente 32**, considerado como área externa ao edifício, apresenta um conjunto de elementos estratigráficos e datantes que permitem atestar o abandono deste espaço em finais do séc. I a.C. - inícios do séc. I d.C..

Esperando que mais dados venham sustentar ou contradizer a equação “identificação formal = valoração cronológica”, ler-se-á a morfologia das imitações em pasta cinzenta de TSI aqui identificadas tendo em conta as datações convencionais dos protótipos (Conspectus 2002), tal como foi proposto em outras circunstâncias (Fernandez *et al.* 2014). A taça de forma Consp. 8 em TSI é geralmente enquadrada nos inícios do reinado do Augusto enquanto a forma Consp.13-14 é reconhecida como típica dos meados do reinado de Augusto (15-10/9 a.C.), sendo presente nos sítios de Dangstetten/Oberaden e Haltern (9/7 a.C.-9 d.C.). É frequente a associação dos fundos Consp.B.1.6 junto a formas típicas do período augustano-tiberiano (27 a.C.-37 d.C.).

A presença de *terra sigillata*, quer itálica quer gálica⁵, parece uma constante em níveis da fase 4 abrangendo o espaço temporal entre os finais do séc. I a.C. até os inícios do séc. II d.C.. Atendendo ao acima referido e vista a presença simultânea de imitações e protótipos, propomos a colocação cronológica das imitações em pasta cinzenta de TSI entre os finais do séc. I a.C. e meados do séc. I d.C.

6. Distribuição das imitações em Monte dos Castelinhos

A presença de exemplares de imitações em pasta cinzenta de TSI foi detetada no complexo identificado na sondagem 4 e nos compartimentos da sondagem 5. Notamos uma distribuição das peças quer no interior (ambientes 1, 2, 6, 7, 22, 24) quer no exterior (ambientes 11, 12) do complexo, circunstância que sugere uma contemporânea utilização e descarte destes manufactos. O estado de conservação dos níveis de exumação destes materiais resulta ser uma ótima base sobre a qual poder assentar estas ilações. Para este propósito, é indicativo de como o fundo Consp.B.1.6/L.7 proveniente do ambiente 7 e a taça Consp. 8-13-14 exumada no ambiente 34 permitiram a reconstrução de boa parte do próprio perfil (7 fragmentos no primeiro caso e 13 fragmentos no segundo caso).

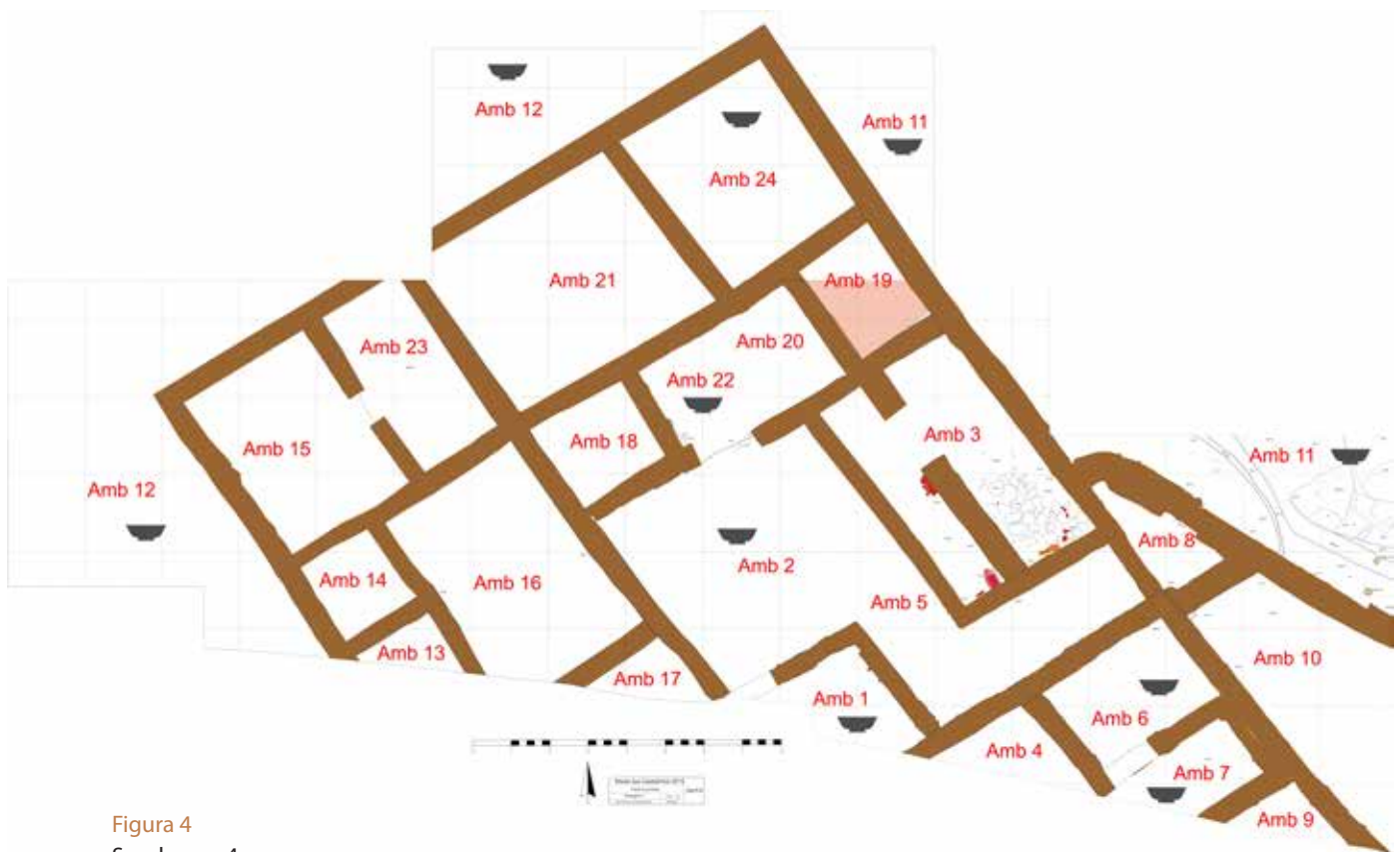


Figura 4
Sondagem 4:
Distribuição Imitações
de TSI

⁵ Agradece-se a amável disponibilização desta informação ao Dr. João Pimenta.



Figura 5
Sondagem 5:
Distribuição Imitações
de TSI

7. Paralelos próximos

Querendo evitar a apresentação do fenómeno das imitações em pasta cinzenta de TSI como circunscrito ao Monte dos Castelinhos, referimos, mesmo de forma sucinta, que a presença deles foi atestada em outras estações da fachada atlântica portuguesa.

É o caso dos achados nas escavações da alcáçova de Santarém (Soria 2014). O conjunto é constituído por taças e pratos (taças Consp. 3.2.2, Consp. 8.1.1 e Consp. 14.3.1; pratos Consp. 10.1.1 e Consp. 11.1.3), demonstrando mais variedade a nível formal face ao conjunto de Monte dos Castelinhos. Também em Alcácer do Sal foi detetada a presença destes materiais, mais concretamente no lado ocidental do castelo (Sepulveda *et al.* 2001). Neste caso o conjunto é composto sobretudo por pratos semelhantes ao tipo Consp. 10.1-11. Também em Alto dos Cacos foram identificadas imitações em pasta cinzenta de TSI com morfologia próxima aos exemplares em TSI Consp. 10-11 (Pimenta *et al.* 2012: 46). Em Lisboa, recentes estudos sublinham como a presença de cerâmicas imitantes TSI cozidas quer em ambiente redutor quer oxidante seja relativamente frequente em contextos tardo republicanos e proto-imperiais. Nas escavações do NARC, o conjunto de imitações em pasta cinzenta de TSI encontra-se em contexto de necrópole em associação com TSI (Bugalhão *et al.* 2013: 261). Aqui as formas representadas resumem-se ao prato Consp. 10 e às taças Consp. 7 e 8. Destacamos também a presença num contexto alto-imperial da rua dos Remédios (Silva 2015: 55) dum grupo de taças em pasta cinzenta de carena baixa aparentáveis com os protótipos em verniz negro L. 28 ou em verniz vermelho Consp. 7.

A análise autóptica de alguns destes conjuntos permitiu constatar que estes não apresentam grandes disparidades a nível de fabricos, sendo a maioria das pastas compactas, bem depuradas e de tonalidades entre cinzento e castanho claro, com revestimentos (quando conservados!) constituídos por um engobe às vezes brilhante que mantém tonalidades de cinzento constatadas nas próprias pastas. Contudo, sente-se a necessidade de uma mais sistemática análise paralelamente a uma abordagem arqueométrica que ligue análises químicas e petrográficas junto com uma adequada amostragem geológica de referência para aproximarmos ao possível foco irradiador e compreender a em que dinâmicas comerciais estes materiais estavam envolvidos.

8. Considerações finais

Muitas vezes prestar atenção nos aspetos morfológicos dos conjuntos cerâmicos faz com que nos esqueçamos que os artefactos são o resultado de práticas oleiras. No caso do conjunto de taças analisado, é possível constatar como o cuidado no molde dos bordos seja de facto o reflexo duma *forma mentis* do oleiro bem treinada. A utilização de produtos cozidos em modalidade redutora estava bem presente na comunidade instalada em Monte dos Castelinhos, circunstância que teria permitido uma inserção das taças em pasta cinzenta imitante TSI no próprio quotidiano com alguma facilidade. De facto, cabe referir a utilização da já tratada produção em pasta cinzenta de pratos e taças imitantes protótipos em verniz negro itálico (Pimenta *et al.* 2014).

De forma sucinta, reparamos como os pratos Consp. 10-11 e as taças Consp. 8-13-14 são as formas mais imitadas e com maior utilização nos referidos sítios.

O conjunto aqui analisado não se deve entender como um “substituto” de outras taças porque a nível quantitativo as suas baixas percentagens, quando comparadas com outras classes cerâmicas, não justifiquem esta consideração. Antes, é necessário considerar este conjunto em relação com as outras cerâmicas de modo a avaliar a sua importância e reconstituir o “serviço de mesa” utilizado nas práticas comensais da comunidade em apreço.

Como previamente destacado em outros estudos (Pimenta *et al.* 2014; Pimenta-Mendes 2015a), o excepcional estado de conservação dos níveis arqueológicos de Monte dos Castelinhos permitem o estabelecimento de sequências cronológicas particularmente informativas. Isto tem um notável interesse na hora de determinar a cronologia de artefactos, como é o caso das taças imitantes TSI, que não possuem uma valoração intrínseca.

Os materiais aqui analisados são, junto com a *terra sigillata*, mais um testemunho da continuidade de ocupação do Monte dos Castelinhos em período imperial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUGALHÃO, J.; ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. DE; DUARTE, C. (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Lisboa). *In Revista Portuguesa de Arqueologia*. N.º 16, p. 243-275.
- CONSPECTUS = ETTLINGER, E. et al (2002): *Conspectus Formarum Terrae Sigillatae Italico Modo Confectae*, Dr. Rudolf Habelt GmbH, Bonn (Materialen zur romischgermanischen Keramik, Heft 10).
- FERNANDEZ OCHOA, C.; MORILLO, A.; ZARZALEJOS PRIETO, M. (2014) – Imitaciones de terra sigillata en Hispania durante el Alto Imperio (época augustea y julioclaudia). *In* Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J. (eds.). *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispania*. Monografias Ex Officina Hispana II. Porto. Tomo I, p. 43-74.
- LAMBOGLIA, N. (1952) – Per una Classificazione preliminare della Ceramica Campana. *In Atti del Iº Congresso Internazionale di Studi Liguri* (Monaco-Bordighera-Genova, 1950), p. 139-206.
- MOREL, J. P. (1981a) – *Céramiques Campanienne. Les Formes*. 2 Vols. Rome. Ecole Française de Rome.
- PEDRONI, L. (2001) – *Ceramica calena a vernice nera, produzione e diffusione*. Petruzzi Editore.
- PIMENTA, J. (coord.) (2015) – Catálogo da Exposição: *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira - em busca de Ierabriga*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2015a) – Trabalhos realizados 2008-2014. *In* Catálogo da Exposição: *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira - em busca de Ierabriga*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p. 23-106.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2015b) – Considerações em torno do faseamento da ocupação. *In* Catálogo da Exposição: *O Sítio Arqueológico de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira - em busca de Ierabriga*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira, p.107-112.
- PIMENTA, J.; SORIA, V.; MENDES, H. (2014) – Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. *In Revista CIRA Arqueologia* 3, p. 86- 121.

- PIMENTA, J.; HENRIQUES, E.; MENDES, H. (2012) – *O acampamento romano de Alto dos Cacos- Almeirim*. Associação de Defesa do património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- ROCA ROUMENS, M.; PRINCIPAL I PONCE, J. (coord.) (2007) – *Les imitations de vaisselle fine importada a la "Hispania Citerior" (segles I a.C.-I d.C.)*. Tarragona: ICAC.
- SEPULVEDA, E.; MELIM, E.; FARIA, J. C.; FERREIRA, M. (2001) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alc'cer do Sal, 2: "cerâmicas de verniz negro" e cinzentas. In *O Arqueólogo Português*. Série IV. 19, p. 199-234.
- SILVA, R., B. (2015) – O contexto alto-imperial da rua dos remédios (Alfama – Santa Maria Maior, Lisboa): vidros, cerâmicas e análise contextual. In *Monografias Associação dos Arqueólogos Portugueses*. N.º 1, p. 41-67.
- SORÍA, V. (2014) – A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/ protoimperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém. In *Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J. (eds.), As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*. Monografias Ex Officina Hispana II. Porto. Tomo II, p 75- 84.



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



MUSEU
MUNICIPAL

www.museumunicipalvfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira